



History of Education in Latin America - HistELA

This work is licensed under a [Creative Commons — Attribution 4.0 International — CC BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Victor Civita: memória e educação nas produções da editora Abril (1950-1970)

Victor Civita: memory and education in the productions of Editora Abril (1950-1970)

Bianca Nascimento de Freitas

Orcid: 0009-0007-9291-2910

Universidade Federal do Ceará, Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza, Programa de Pós-Graduação em História - UFC. Fortaleza - CE, Brasil. Email: biancanascf@gmail.com

Manuelle Araújo da Silva

Orcid: 0000-0003-4701-2589

Universidade Estadual do Ceará - UECE; Faculdade de Educação de Itapipoca - Facedi; Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Fortaleza-Ce, Brasil, Email: manuelle.araujo@uece.br

DOI: 10.21680/2596-0113.2024v7n1ID38034

Citation: Freitas, B.N, Silva, M. A. (2024). Victor Civita: memory and education in the productions of Editora Abril (1950-1970) *History of Education in Latin America - HistELA*, 7(1). Recuperado de <https://periodicos.ufrn.br/histela/article/view/38034>

Competing interests: The author has declared that no competing interests exist.

Editor: Olivia Moraes de Medeiros Neta

Received: 30/08/2024

Approved: 05/10/2024

OOPEN ACCESS

Resumo

Esta investigação, do tipo exploratória, ancora-se em abordagem qualitativa e classifica-se como bibliográfica e documental. Tem-se como problema de pesquisa: quais as relações entre a trajetória do empresário Victor Civita e projetos educacionais de teor formal e informal? Seja através do âmbito escolar ou da política, por intermédio da Editora Abril e seus empreendimentos, cumpre investigar elementos de trajetória desse sujeito histórico. Serão analisados prefácios de enciclopédias assinadas pelo mesmo, trechos de um documentário sobre Civita, bem como estudos sobre a criação da revista Nova Escola e da Fundação Victor Civita. Busca-se problematizar a atuação de Civita na educação brasileira, de 1950 a 1970.

Palavras-chave: Victor Civita. Editora Abril. Cultura. Educação.

Abstract

This exploratory investigation is anchored in a qualitative approach and is classified as bibliographic and documentary. The research problem is: what are the relations between the trajectory of the entrepreneur Victor Civita and educational projects, both formal and informal? Whether through the school environment or politics, via Editora Abril and its ventures, it is intended to investigate elements of the trajectory of this historical subject. Historical sources are investigated, such as prefaces to encyclopedias signed by him, excerpts from a documentary about Civita, as well as studies on the creation of the Nova Escola magazine and the Victor Civita Foundation. These sources aim to problematize Civita's participation as a proponent of education in Brazil between 1950 and 1970.

Keywords: Victor Civita. Editora Abril. Culture. Education.

Introdução

Mas não arquivamos nossas vidas, não pomos nossas vidas em conserva de qualquer maneira; não guardamos todas as maçãs da nossa cesta pessoal; fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, colocamos em exergo certas passagens (Artières, 1991, p. 3).

A presente pesquisa se propõe a investigar como o líder da editora Abril, Victor Civita, realizou empreendimentos relacionados à educação no Brasil, interligando a proposta de desenvolvimento educacional à modernização do país. Para tanto, serão analisados trechos de enciclopédias publicadas pela Abril, bem como um documentário produzido sobre o empresário. Assim, analisaremos a experiência de Victor Civita e o processo de criação da editora Abril, enfocando a tessitura de uma escrita de si, através de seus escritos, entre os anos de 1950, quando a editora foi criada e 1970, quando houve o auge da produção de fascículos que se tornariam enciclopédias, em um contexto de profunda efervescência cultural.

Durante a década de 1960, após o golpe de 1964, simultaneamente à censura das manifestações culturais de cunho contestatório, houve uma grande explosão das publicações didáticas, facilitadas por iniciativas dos governos militares ao empresariado. Produções desse tipo são comuns no Brasil desde o início do século XX, entretanto, só se tornaram mais populares no início dos anos 50. Apesar do número de analfabetos no Brasil ainda ser muito alto nessa época, o alto consumo desse tipo de publicação, sobretudo após o golpe de 1964, mostra que havia um mercado editorial que se interessava pela formação das crianças brasileiras.ⁱ

Tratava-se de um contexto permeado por grande concorrência no mercado editorial e publicitário. Sujeitos como Assis Chateaubriand, Roberto Marinho e Victor Civita foram consagrados nesse período. Esse último, fundador da Editora Abril, construiu um império editorial que se destacou como o maior grupo editorial da América Latina, graças a uma proposta de sucesso: levar o conhecimento e a cultura de modo simples e sintetizado para as classes menos abastadas e por preços acessíveis.ⁱⁱ Nesse contexto histórico, este texto busca investigar a relação existente entre a trajetória de Victor Civita e suas aproximações com intentos educacionais no período delineado.

Metodologia

Esta pesquisa, de teor exploratório, classifica-se como bibliográfica e documental. Os documentos históricos são, nesta investigação, compreendidos como prefácios de enciclopédias publicadas pela Editora Abril nos anos 1970, além de trechos de documentários sobre a vida de Victor Civita. Este texto é ancorado em bibliografia que mobiliza conhecimentos acerca da escrita de si, da história da imprensa e suas relações com a educação. O interesse central desta pesquisa recai sobre como Civita pôs em prática seu projeto de integração do desenvolvimento da indústria gráfica, através da Abril, ao processo de modernização do país.

No período em estudo, no que se refere à educação, foi publicada a lei 5.692 de 11 de agosto de 1971, no seio de um governo autoritário. Tinha como objetivo geral promover ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades para que seja possibilitada sua autorrealização, qualificação para o trabalho e formação cidadã. Se analisarmos com atenção as enciclopédias apresentadas aqui, veremos que elas seguem um padrão que busca a construção de sujeitos que se adequem a esses propósitos.

Nesse ínterim, analisaremos como esse engajamento de Victor Civita proporcionou a construção da imagem do empresário enquanto gênio da edição e do empreendedorismo no Brasil. Ademais, buscaremos compreender como ele construiu esse papel voltado para o campo da educação, responsável por ideias inovadoras, as quais fizeram com que uma parte acentuada da população de classe média tivesse acesso à leitura. Nesse sentido, discutiremos, ainda que de modo breve, como sua atuação nas produções ligadas à educação resultaram na criação de instituições voltadas para esse campo de atuação.

Essa preocupação de Victor Civita, enfatizada neste trabalho, nos leva a pensar a respeito das questões que o empresário formulava sobre os rumos que a nação iria tomar e o desejo pelo progresso. Com efeito, o referido empresário manifestava “[...] uma identidade intelectual que se definia pela tentativa de construir, como se fossem termos intercambiáveis, a nação, o povo e o moderno” (Lahuerta, 1997).

Para essa análise, utilizaremos trechos falados de Victor Civita em entrevistas e escritos, além da fala de sujeitos que conviveram com o fundador do grupo editorial Abril. Desse modo, nos debruçaremos sobre algumas informações biográficas de Victor Civita, especialmente após a sua chegada no Brasil, a análise de prefácios das enciclopédias *Nossas Crianças* (1970), *Conhecer* (1969) e *Enciclopédia da Mulher* (1973), além de trechos do documentário *Victor Civita e a Editora Abril: Paixão por fazer* (2007). Para tanto, utilizaremos como contribuição teórica os textos de Giovanni Levi, Philippe Artières e Gisele Venâncio, sobre biografia e escrita de si. Será explorado ainda o documentário intitulado “Victor Civita e a editora Abril: paixão por fazer: centenário Victor Civita (1907 - 2007)” que traz informações inéditas, bem como

depoimentos do próprio Victor Civita e seu projeto de popularizar a cultura e a educação no Brasil.

Resultados e discussão

A editora Abrilⁱⁱⁱ iniciou com a publicação da revista *O Pato Donald* em 1950, quando Victor Civita percebeu que existiam publicações para jovens e adultos em geral, mas que a indústria gráfica para crianças era extremamente pobre. O empresário conseguiu trazer para o Brasil os direitos para publicar as revistas Disney e começou a investir nas publicações para infantis. Essa proposta só foi possível porque nos anos 50, novas técnicas de apresentação gráfica e inovações na linguagem da imprensa foram inseridas, com a influência do jornalismo norte-americano, que embora não excluísse, colocava as pautas políticas em um segundo plano:

[...] a imprensa brasileira, na década de 50, foi abandonando uma de suas tradições: o jornalismo de combate, de crítica, de doutrina e de opinião. Essa forma de jornalismo convivia com o jornal popular, que tinha como características o grande espaço para o *fait divers*, para a crônica e para a publicação de folhetins. (Abreu, 1996, p. 15).

Contudo, o grande desejo de Victor Civita era editar títulos nacionais. Foi assim que em poucos anos o grupo Abril conquistou a liderança praticamente em todos os segmentos editoriais do país (Martins e Luca, 2008). Segundo Pereira (2005), entre 1968 e 1982, a Abril vendeu mais de um bilhão de fascículos, 30 milhões de romances e 11 milhões de enciclopédias, como a *Conhecer* (1966), *Medicina e Saúde* (1967) e a *Mitologia* (1973). Para Civita, publicar esse tipo de enciclopédia estava para além dos lucros, significando também estimular a formação das crianças e jovens. O empresário fazia parecer em seus escritos e entrevistas que, mais do que um negócio, incentivar a cultura no Brasil se tratava de um ato patriótico.

Apesar do sucesso de *O Pato Donald*, a primeira revista publicada pela Abril intitulava-se *Raio Vermelho*, tendo tido o número de tiragem de 82.370 exemplares, considerada uma quantidade alta para a época. De fato, o grande marco de sucesso da editora Abril no Brasil é a publicação da revista *O Pato Donald* em 1950, uma vez que seu irmão, César Civita, já havia conseguido os direitos para publicação na Argentina e no Brasil. A partir daí, Victor Civita, percebeu que existiam publicações para jovens e adultos em geral, mas que a indústria gráfica para crianças era inferior. O empresário conseguiu trazer para o Brasil os direitos para publicar as revistas Disney e começou a investir nas publicações para infantis.

Roberto Civita afirma que seu pai, Victor Civita, jamais explicou para a família os reais motivos que o levaram a reescrever a história da Editora Abril tendo como ponto de partida o lançamento estrondoso de *O Pato Donald*. Porém, especula-se que provavelmente Victor Civita não quis que a empreitada fosse contada a partir de uma publicação mal sucedida como foi *O Raio Vermelho*, tendo por isso a ignorado. Além disso, Roberto também ressalta que seu pai era orgulhoso e opinioso, preferindo não ser visto apenas como um continuador da história de seu tio.

Apesar de a árvore ter sido criada por César Civita, Victor seguramente quis evitar que a glória de ter plantado a maior editora da América Latina fosse de seu irmão. A partir daí, ele próprio conduziria a Abril no Brasil do modo que julgasse mais correto. A árvore já fora plantada, caberia a ele fazê-la frutificar e colher os frutos sozinho.

Foi César Civita quem batizou a editora com o nome Abril, a jovem editora. Segundo Roberto Civita, filho mais velho de Victor, quando seu tio definiu o nome da empresa, ele tinha como perspectiva associar o novo negócio à juventude, já que as primeiras

publicações eram destinadas a crianças e jovens. Além do mais, o nome Abril também estava ligado à mudança e renovação:

Juventude, vida nova, mudanças, esperança... Ah, sim, o resultado não seria uma troca de estação? Talvez uma árvore germinada que cresceu e frutificou? Com essa associação de ideias, César se fixou na época do ano tão aguardada pelos europeus nos duros meses do inverno. Pronto, encontrara a solução. E foi assim que chegou ao simbolismo que buscava: o mês de abril, quando o hemisfério Norte acaba de entrar na primavera. Estava resolvido. No dia 21 de novembro de 1941 — primavera no hemisfério Sul — foi criada a Editorial Abril. (Maranhão, 2016, p. 49).

Assim, a pequena árvore da Abril tinha como início de sua germinação a produção para crianças. O Pato Donald, primeiro número de sucesso publicado pela Abril, seria apenas o começo da exploração dos personagens de Walt Disney pela editora, uma vez que a Abril era a licenciada oficial da empresa na América Latina. Contudo, a necessidade de publicar histórias que tivessem uma maior conexão com o público brasileiro, fez com que a Abril produzisse histórias no Brasil com personagens Disney. O plano era promover a união do já consagrado universo Disney com narrativas típicas do Brasil. Logo, Zé Carioca ganharia seu primeiro título próprio em 1961 e os roteiristas Claudio de Souza e Alberto Maduar, em parceria com o desenhista Waldyr Igayara de Souza, começariam a criar histórias protagonizadas pelo papagaio ambientadas no Rio de Janeiro, nos Pampas Gaúchos e também na região Nordeste. O personagem Hard Haid Moe, por exemplo, um caipira do sul estadunidense foi brasileiro e se transformou no “Urtigão”, um velho rabugento e matuto que morava no interior do país convivendo com figuras do folclore brasileiro.

Apesar de serem voltados ao entretenimento, a adaptação dos quadrinhos Disney buscava a interação das crianças com o Brasil e tendo sido um produto de sucesso da Editora Abril ^{iv}(os quadrinhos eram uma forma acessível de leitura para crianças), foi uma primeira forma de aproximação da editora com o público infantil.

Victor Civita era antes de tudo um vendedor, um comerciante e, para isso, precisava ter boas relações com todas as esferas do poder. Para construir seu império, se fosse possível, tratava diretamente com jornalheiros e grandes empresários, ministros e presidentes da república. São várias as notícias em jornais, como o Correio Brasiliense, a respeito dos encontros de Victor Civita com membros do governo, tanto em reuniões com outros empresários, como em coquetéis e jantares particulares. Entretanto, as escolhas que fazemos no processo de construção da memória nem sempre são conduzidas por finalidades constantes, sendo estas as vezes, inclusive, contraditórias. É sabido também que, apesar da proximidade com membros do governo, publicações do grupo editorial Abril foram censuradas, como a revista Playboy, a Realidade e, especialmente, a Veja. Mas afinal, quem era Victor Civita? Qual a importância do empresário para a inclusão da Abril entre os maiores grupos editoriais do Brasil? Como sua imagem foi construída? Nas palavras de Giovanni Levi, “pode-se escrever a vida de um indivíduo?”

Editor e fazedor de sonhos: Victor Civita e a fórmula do sucesso da Editora Abril

Victor Civita (1907-1990) foi um editor e empresário, naturalizado brasileiro. Nasceu em Nova Iorque, no dia 9 de fevereiro de 1907, tendo se mudado com a família ainda em 1909 para Milão na Itália, onde estudou no Instituto Técnico de Estudos Comerciais, completando somente o curso secundário. Em 1927, ganhou do pai uma passagem para os Estados Unidos e durante quase um ano, Victor percorreu várias cidades, visitou fábricas e conheceu costumes locais. Quando retornou à Itália, passou a trabalhar com o pai numa empresa de representação de máquinas

americanas e em uma oficina de carros. Em 1949, já casado e com dois filhos, Roberto e Richard, Victor Civita viajou para a Argentina para conhecer a editora fundada por seu irmão, César Civita. Após um período de negociações com César, Victor resolveu abrir uma editora em São Paulo. No mesmo ano, mudou-se para o Brasil e instalou, em uma pequena sala, o referido empreendimento, na rua Líbero Badaró, no centro de São Paulo. Era o início da Abril no Brasil.

Victor Civita era tido entre seus funcionários e no meio empresarial como um exemplo de liderança, um entusiasta do progresso, um homem imponente e respeitável. Para isso, foi erigida uma memória muito bem sedimentada em torno da figura de Victor Civita, consciente e inconscientemente. A imagem do editor de sucesso, que em tudo que tocava virava ouro, foi construída não somente por ele, mas por aqueles que estavam próximos ao empresário. Essas visões são muitas vezes fruto de estereótipos e modelos engessados, replicados ao longo do tempo. Não se buscará aqui desfazer representações já construídas por outros pesquisadores, mas apenas pensar novas formas de enxergar Victor Civita e sua trajetória no mercado editorial brasileiro.

Viajado e conhecedor de diversas línguas e culturas, compreendeu que era preciso popularizar o acesso ao conhecimento. Quando chegou ao Brasil, em 1949 e, mais precisamente, em São Paulo, Victor Civita viu naquele espaço a chance de fazer grandes coisas, especialmente no campo editorial e gráfico. Assim, o empresário aproveitou o momento de expansão industrial no país para investir em seus objetivos, ainda que o número de indústrias, escolas e estradas, tudo o que era necessário para fazer uma editora obter sucesso, ainda fosse insuficiente. Da Itália, país onde era costumeiro colecionar coleções de enciclopédia, Victor Civita trouxe uma das ideias que mais popularizou os produtos da Abril: os fascículos. Ele sabia que comprar uma coleção inteira de uma vez seria muito caro para os brasileiros, ainda mais numa população que apresentava na década de 1950 um grande número de analfabetos.

Mas se essas enciclopédias fossem divididas em fascículos seria possível vendê-los, além de criar todo um clima de expectativa pelos números seguintes. Assim, foram lançados fascículos sobre arte, música, filosofia, história, ciência e tantos outros temas aos quais a população média brasileira ainda não tinha acesso. Mas a causa do sucesso dos fascículos ia além. Victor Civita encarregava seus funcionários de ir pessoalmente às bancas de jornais e revistas para conscientizar os donos sobre a importância de investir na propaganda das produções da Abril. Essa metodologia fazia parte da composição do carisma do editor, era preciso conquistar os jornaleiros, convencê-los a colocar as revistas de sua editora nos melhores espaços, as vistas da população que passava pelas ruas. Nesse período, o contato estreito com as bancas de revista foi essencial para o sucesso das publicações da Abril. Nas palavras de Roberto Civita, filho mais velho de Victor, seguindo a preocupação do pai com a cultura e a educação do país, as bancas deveriam se tornar grandes bibliotecas públicas.^v

Como característica marcante das publicações que editava, Victor Civita aparece prefaciando praticamente todas os títulos publicados pela editora na época. Segundo Pereira (2009), essa era uma estratégia da Abril para trazer o leitor para mais perto da editora, dando uma ideia de aproximação entre a publicação e o leitor, o que gerava um maior número de vendas.

Assim, o grupo editorial construía mais uma estratégia de convencimento do cliente. Tal atitude dava ao produto comercializado um simbolismo, sendo ao mesmo tempo uma mercadoria fabricada pela indústria e, portanto, submetida à lógica do lucro, e um objeto cultural detentor de diversos simbolismos. (Pereira, 2005). Mas além de

pensarmos a presença constante de Victor Civita como uma jogada comercial, podemos pensar um pouco mais longe.

Cada vez que Victor Civita assinava o prefácio de uma enciclopédia ou o editorial de uma revista, era uma parte de sua vida que ficava ali registrada. Falar sobre temas como educação, política, economia e progresso eram uma constante para Civita, que colocava em seus breves, mas recorrentes textos, pensamentos e opiniões. Isto é, havia uma preocupação do editor em perpetuar a sua imagem, de modo que pensar na Abril é lembrar de Victor Civita e lembrar de Victor Civita é pensar na história do mercado editorial no Brasil. Esses escritos não se construíam senão sem uma intencionalidade, afinal como diz a epígrafe de abertura desse artigo, “não pomos nossas vidas em conserva de qualquer maneira”, há que ser feita uma triagem, uma espécie de acordo com a realidade. Dessa forma, levamos nossas vidas tentando arquivar aquilo que de nós achamos mais interessantes, organizamos e desorganizamos arquivos, enquanto forjamos uma autoimagem ou uma imagem do outro (Artières, 1998).

“Cordialmente, Victor Civita”: a escrita de si nos prefácios do editor da Abril.

Em Arquivar a própria vida, Philippe Artières, afirma que o arquivamento da vida se dá para atender a uma demanda social que nos interpela a organizar nossas vidas, sem deixar lacunas. O sujeito normal é o que tem arquivos de si, é o que não tem nada a esconder, é o que se mostra, se apresenta. Na Enciclopédia Conhecer, publicada originalmente em 1966 pela Abril, Victor Civita anuncia: indagar e saber são atividades essenciais da vida. Conhecer era mais um esforço do fundador e editor da Abril na busca pela construção de um país moderno, trazendo conteúdos escolares diversos que iam de temas a biografias de personagens históricos relevantes. O sucesso foi tanto que a coleção apresentou mais de treze edições em trinta anos, sendo sempre colocado em relevo a qualidade do material e seu baixo custo, contribuindo para a democratização do saber, uma necessidade patriótica naquele período:

Hoje mais do que ontem, amanhã mais do que hoje. O conhecimento humano progride a um ritmo vertiginoso em todos os setores. E, por isso, há cada vez mais brasileiros que sentem a imperiosa necessidade de saber mais.^{vi}

Assim como Nossas Crianças, conhecer era mais uma produção que selava a promessa feita por Victor Civita de trabalhar para o desenvolvimento do Brasil, por meio do conhecimento e da educação. Essa é a imagem que observamos em cada prefácio ou entrevista cedida pelo editor. Victor Civita já não era jovem quando fundou a Abril no final dos anos 1940, mal falava português e não tinha sequer dinheiro suficiente para investir na construção de uma editora do tamanho que ele considerava necessária para o desenvolvimento do Brasil. Entretanto, a experiência no trabalho em fábricas e como vendedor, além do carisma ressaltado por membros da editora, coloca em destaque o talento de Victor Civita como empresário. Segundo ele mesmo:

Não tinha nada naqueles dias, estou falando de 1950, que me levasse a ter medo de enfrentar uma posição, de encontrar uma personalidade, de ter a sensação de que eu podia falhar. Não, eu não podia falhar.^{vii}

A falta de condições para o seu projeto de criar a maior editora da história do país, contrastava com o discurso construído pelo editor de que não havia nada que pudesse impedi-lo de realizar seu propósito. É assim que Victor Civita fala de si próprio, como um homem persistente e astuto, capaz de criar situações e oportunidades que o favorecessem, mesmo nas situações mais difíceis. Esse estímulo seria advindo de

seu desejo de contribuir com a fomentação da cultura e da educação no Brasil. Após a sua aposentadoria, por exemplo, “seu Victor” como era chamado pelos colegas de trabalho, permaneceu comparecendo a editora e palpitando em todos assuntos, com uma diferença, agora ele podia se dedicar ao seu grande ideal: contribuir para a melhora da educação no país, com a criação da Fundação Victor Civita e, em 1986, de uma nova revista direcionada aos professores, a Nova Escola. A Fundação, segundo a própria descrição em seu site, trata-se de:

[...] uma entidade sem fins lucrativos, focada na melhoria da Educação, por meio da valorização de bons professores e incentivo ao trabalho docente. Fundada em 1985, tem como principal iniciativa o Prêmio Educador Nota 10, que reconhece professores da Educação Infantil ao Ensino Médio e também coordenadores pedagógicos e gestores escolares de escolas públicas e privadas de todo o país. (Fundação Victor Civita, [2- -]).

Já no que se refere à revista Nova escola, Victor Civita possuía o desejo de criar e editar uma revista que fosse capaz de chegar a todos os professores do país, a fim de ajudá-los na sua formação, preparação e condução da árdua profissão dos professores:

A Editora Abril havia tentado lançar dois títulos com esse foco (Escola, em 1972, e Professora Querida, em 1983), mas as publicações davam prejuízo e foram descontinuadas com poucas edições. Com NOVA ESCOLA foi diferente. Na edição de lançamento, Victor Civita apresentou em editorial os objetivos que inspiraram a publicação: “Fornecer à professora informações necessárias a um melhor desempenho de seu trabalho; valorizá-la; resgatar seu prestígio e liderança junto à comunidade; integrá-la ao processo de mudança que ora se verifica no país; e propiciar uma troca de experiências e conhecimentos entre todas as professoras brasileiras de 1º grau”. Um acordo com o Ministério da Educação fez com que as 220 mil escolas públicas de 1º grau (como eram chamada na época) que existiam no país recebessem as edições da revista. O valor de capa – Cr\$ 12.000, algo em torno de 6 reais, em valores corrigidos – era o preço de custo, como ocorre ainda hoje. (Fundação Victor Civita, [2- -]).

Contudo, desde os anos 1960, Victor Civita já visava esse tipo de publicação, perceptível nas diversas cartilhas e materiais produzidos para o MOBRL (Movimento Brasileiro de Alfabetização). Ainda assim, ele desejava expandir suas produções de caráter educativo. Seu filho, Roberto Civita, afirmou que seu pai comparava o lançamento de livros didáticos à peixinhos, usados como iscas para pescar leitores. Entretanto, na opinião de Victor Civita, os livros didáticos brasileiros eram “feios, chatos e caros”, era preciso editar livros “modernos, bonitos e baratos”.^{viii} A dominação da produção e distribuição de materiais didáticos monopolizada pelo governo durante a Ditadura Civil Militar, acabou adiando um pouco a edição de livros didáticos pela editora de Civita.

Em 1970 na apresentação do volume 1 de *Nossas Crianças*, Victor Civita descreve no prefácio da nova coleção a criança como um ser pequeno, estranho, maravilhoso e frágil que precisa de cuidados especiais, e diz que a editora se orgulha de estar auxiliando os pais a cuidar e educar os filhos pois, assim, estavam “ajudando a moldar homens sadios e bem formados para maior grandeza do Brasil de amanhã”. Para ingressar na vida adulta, a criança deveria ser cautelosamente preparada para obter sucesso: “cuidar, compreender e educar são missões que competem principalmente aos pais.” É interessante notar que, em *Nossas Crianças*, a responsabilidade sobre educação das crianças compete em grande medida à escola. A enciclopédia não exclui a importância dessa última instituição, mas enfatiza o papel dos pais nesse processo educacional.

Nossas Crianças^{ix} era uma “coleção de 90 fascículos, cada um com 16 páginas internas, mais 4 páginas de capa”. A enciclopédia unia os mais diferentes temas relacionados aos cuidados com a criança, desde noções básicas de higiene até a pediatria para ajudar “pais e educadores a enfrentarem os pequenos problemas do dia a dia”. Ao final, *Nossas Crianças* formava 6 volumes de 15 fascículos cada, tendo ainda um volume a parte, o sétimo, formado pelas 4 páginas de capa, intitulado *O desenvolvimento da criança*, analisando todas as transformações que ocorrem desde a concepção até a puberdade.^x *Nossas Crianças* surge reforçando o compromisso assumido por Victor Civita de abranger o máximo de conteúdo possível sem perder o rigor científico. Esse último quesito era importante, sobretudo, em virtude dos novos padrões culturais da vida urbana para os quais as crianças, seres diferenciados deviam ser preparados.

Por falar em novos padrões da vida urbana, em 1976, no prefácio da Enciclopédia da Mulher, Victor Civita saúda as “caras leitoras” da nova coleção da Abril explicando que, devido ao sucesso da revista *Cláudia*, lançada em 1961, para ser a melhor amiga de todas as brasileiras modernas e inteligentes, e atendendo ao desejo de atualização das brasileiras, a editora estava relançando a Enciclopédia da Mulher, de 1973:

A coleção propõe-se oferecer as leitoras tudo o que elas precisam conhecer sobre o seu papel na sociedade e o seu pequeno grande mundo: o lar. Vamos ajuda-las na educação e saúde da família; torná-las mais belas e elegantes; atualizá-las com o tempo em que vivemos; ensiná-la a economizar; resolver dúvidas quanto aos seus direitos na sociedade; sugerir soluções para problemas de decoração e construção. Enfim, enriquecer seu mundo com informações atuais e abundantes. (Civita, 1973).

Victor Civita prossegue afirmando que seu objetivo é ajudar a mulher brasileira a viver melhor. Interessante que, a propaganda da Enciclopédia da Mulher é montada sobre o sucesso da revista *Cláudia*, grande sucesso da editora que buscava desmistificar as revistas femininas até então produzidas no Brasil. No projeto de elaboração da revista *Cláudia*, se descava a ideia de que as mulheres não queriam mais ser apenas as rainhas do lar, mas cidadãs que disputavam vagas no mercado de trabalho e nas universidades. *Cláudia* abordava temas sobre a liberdade sexual feminina e a felicidade na solteirice. *Cláudia* era, segundo Carmem Silva^{xi}, editora da revista, a filha que Victor Civita não teve.

Entretanto, os temas tabus abordados por *Cláudia*, divergem da mensagem dirigida às mulheres brasileiras por Victor Civita na Enciclopédia das Mulheres, ao enfatizar o lar como o mundo feminino, suas preocupações apenas com o cuidado com a família e focar atenção nos cuidados com a beleza e elegância. Os únicos pontos que se conectam com a proposta da mulher moderna é a luta por seus direitos e, talvez educação sexual, o que fica bem visível ao observar o restante do índice temático da coleção: beleza, casa, cozinha, dieta, etiqueta, moda, economia doméstica, trabalhos manuais, jardinagem e etc. Isto é, o discurso progressista de Victor Civita, tão presente na sua carreira de editor, não se aplicava exatamente a todas as suas produções, especialmente as voltadas para as mulheres naquela época. Vale ressaltar que *Cláudia*, que Civita cita com tanto orgulho, tem muito mais a direção de Carmem Silva do que dele próprio, que assina o prefácio da Enciclopédia da Mulher como se tratasse de uma grande inovação.

Na verdade, esse discurso conservador também aparece em *Nossas Crianças*. Apesar de defender a coeducação como meio de fomentar a preparação justa para meninos e meninas, em artigos que tratam da presença feminina e masculina na educação domiciliar, os discursos em *Nossas Crianças* tendem a ser mais retrógrados. Nos artigos referentes aos papéis de pai e mãe, essa igualdade já não é tão presente. Mesmo defendendo que o papel feminino não se restringe somente ao

cuidado dos filhos e da casa, mas que a mulher pode e deve se dedicar a funções externas caso seja de seu agrado, em outros momentos, *Nossas Crianças* chama atenção para o fato de que uma mãe desequilibrada emocionalmente pode criar filhos agressivos e inquietos que tendem a repetir o seu descontrole. Ou ainda, as mães que por ocasião de viuvez ou desquite não conseguissem suprir o papel de disciplinadora do lar, função que caberia em grande parte ao pai, poderiam causar impactos negativos nas crianças. Nesse caso, quando da ausência paterna, a mãe deveria procurar preencher esse espaço com a presença de uma figura masculina, um tio, avô ou professor para que os meninos não crescessem sensíveis em excesso e desajustados nos espaços masculinos^{xii}.

Podemos pensar assim, que nos prefácios, marcas registradas das edições da Editora Abril, Victor Civita construía a sua autoimagem, era naquele espaço, ainda que pequeno, que “seu Victor” se apresentava aos leitores e demonstrava seu apreço pelos temas difundidos, seu conhecimento acumulado de anos de experiência e sua preocupação com o progresso do país. Este é, aliás, um ponto que perpassa todo e qualquer discurso de Victor Civita: ao declarar a ausência de medo de enfrentar as dificuldades em montar uma editora no país; ao enfrentar a censura, mas se alinhar ao governo quando conveniente; ao demonstrar estar sempre atento as questões necessárias para o desenvolvimento da cultura; Civita afirma e reafirma sempre em suas falas o comprometimento com a modernização do Brasil. Ele falava de si como alguém que possuía uma missão importante com a pátria que adotou para si.

Podemos afirmar que os prefácios escritos por Victor Civita, configuram uma forma de escrita de si, pois neles o editor expõe suas opiniões, anseios e críticas, destacando-se sempre como o mensageiro de boas novas para o Brasil. Havia, com isso, uma intenção autobiográfica. Nesses espaços, Civita era o gênio da indústria gráfica, o grande empresário, o empreendedor criativo, mas preocupado com o acesso das camadas mais populares que produzia. Venâncio (2004, p.120), afirma que “a carta é um instrumento de configuração da própria identidade”. Através dela, o autor se constrói para o leitor, mesmo inconscientemente”.

Nos prefácios, Victor Civita também constrói sua identidade, só que de modo muito mais pensado, já que não se trata de um destinatário específico, mas de centenas de milhares de leitores. É interessante observar que é esse cuidado ao se expressar, na busca da construção de uma identidade e, ao mesmo tempo, as várias contradições que emergem desses discursos, são os principais elementos observados pelos historiadores que se dedicam aos estudos biográficos, pois evidenciam a complexidade dos sujeitos e nos permitem perceber suas relações de modo menos esquemático e linear (LEVI, 1996).

Na capa da edição de 29 de agosto de 1990, dedicada a Victor Civita, falecido no dia 24 deste mesmo mês, uma foto do editor em frente à sede de sua editora, de pé e sorridente. Ao fundo uma placa com o seguinte texto:

A Abril está comprometida em contribuir para a difusão de informação, cultura e entretenimento para o progresso da educação, melhoria da qualidade de vida e desenvolvimento da livre iniciativa e o fortalecimento das instituições democráticas do país. (Civita, 1990).

Cultura, progresso, educação e desenvolvimento, palavras que sempre estiveram presentes na fala de Victor Civita constituem a imagem que ele próprio desejava deixar como herança para o país. A imagem de um homem que não se abalava diante das crises e mudanças pelas quais o país e o mundo passavam. O sujeito não se constitui previamente, assim como a subjetividade está constantemente sendo construída e reconstruída. Quando alguém constrói um registro sobre si, não está escrevendo

aquilo que ele é ou o que ele é propriamente, mas está se constituindo mediante o ato de narrar sobre si mesmo. Quando alguém faz isso, se constitui como sujeito e está sendo transformado, performando algo diante do outro (Foucault, 2004).

Considerações Finais

Os escritos de Victor Civita dialogam com o momento histórico da época, onde há a preocupação com o progresso e moderno, o que culmina na educação de suas mais variadas formas. É necessário pensar a figura do fundador da Abril relacionando-a com os debates educacionais desenvolvidos à época, uma vez que as práticas, a arte do fazer, estão engendradas no desenrolar da história, tornando possíveis as ações que buscamos estudar.

O meio em que Victor Civita estava inserido, o pai dono de uma fábrica de peças de automóveis, o irmão editor de um pequeno grupo na argentina, o gosto da família Civita pelas artes e pelo conhecimento em geral, tudo isso se faz importante para pensarmos a trajetória de Victor Civita. Assim, podemos relacionar em suas publicações as preocupações do editor com questões que acompanharam sua vida e a dos brasileiros. A revista também exigiu uma nova infraestrutura de serviços, como um centro de documentação, escritórios regionais e internacionais. A revista acompanhava a modernização da imprensa brasileira.

Portanto, podemos dizer que a vida de Victor Civita estava impregnada em suas produções buscando sempre a informação e a educação do povo brasileiro em suas diversas formas. Ele mesmo fazia questão de deixar a sua marca, fosse em um editorial, um prefácio, na correção de uma capa, na sugestão de um novo lançamento. Victor Civita criou em vida uma fundação com seu nome, para dar continuidade ao que considerava sua missão na editora Abril. Arquivar a própria vida é como se expor no espelho, onde de um lado está a imagem mais profunda de si mesmo e de outro a imagem vista pela sociedade: “nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência” (Artières, 1998, p. 2).

Assim, fez Victor Civita durante sua trajetória no Brasil, sempre defendendo a bandeira de que o melhor no país ainda estava por vir e que este se daria por meio da cultura e da educação. Esse reflexo construído diante do espelho, produz como foi dito, a imagem de um outro que não é necessariamente o sujeito em sua forma mais íntima. Apesar de suas contradições, tanto no campo das ideias quanto no comportamental, é possível afirmar que Victor Civita obteve sucesso em sua empreitada.

É importante, contudo, que o pesquisador não perca de vista que essas memórias não são construídas senão sem um trabalho, não necessariamente direcionado sempre, mas que por vezes pode e é constituído conscientemente. Isso ocorre através da formação de redes de sociabilidade, da troca de ideias, opiniões e projetos que produzem uma teia a ser desvendada e que, em muitos momentos, deixará lacunas. Os documentos trazem essa preocupação com uma intenção autobiográfica e, portanto, devem ser cuidadosamente analisados, pois, longe de trazerem os fatos como registros fiéis, seus autores e titulares são simultaneamente objetos e sujeitos da pesquisa.

Apesar de Victor Civita não ter publicado nenhuma autobiografia, é pela sua obra, escritos, seus discursos e discursos dos outros a seu respeito que mais sabemos sobre ele mesmo. A maior fonte de memórias que temos sobre Victor Civita foi, no final, deixada por ele mesmo.

Ademais, podemos afirmar que, durante esse processo de construção de identidade deixada por Victor Civita, foi necessário um engajamento do empresário que resultou na construção de uma trajetória que perpassa a história da educação brasileira e seus desdobramentos, já que a produção das enciclopédias, materiais didáticos e revistas acompanhava e obedecia às diretrizes da educação do período.

Como considerações finais, pode-se afirmar que Victor Civita e a editora Abril estiveram profundamente associados à História da Educação Brasileira e ao desenvolvimento das crianças brasileiras. Como o próprio Victor Civita afirma no prefácio da enciclopédia Nossas Crianças, a criança era vista como um ser pequeno, estranho, maravilhoso e frágil que precisava de cuidados especiais sendo a editora Abril orgulhosa de estar auxiliando os pais a cuidar e educar os filhos, além de moldar homens sadios e bem formados para a maior grandeza do Brasil.

Nota

ⁱ Segundo o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), em 1960 a taxa de analfabetismo entre brasileiros acima de 15 anos de idade ainda era de 40% e o número de analfabetos total chegava a 46%. Fonte: INEP (1996).

ⁱⁱ No início dos anos 1970, circulava nas publicações da Abril uma propaganda que colocava em evidência a sua conhecida logomarca: a árvore. Tendo em destaque a frase “*As sementes que esta árvore já espalhou, há muito dão bons frutos a este país*”,

ⁱⁱⁱ A referida publicidade tratava dos mais de 300.000.000 de fascículos editados e vendidos pelo grupo.

^{iv} A Editora Abril publicou os quadrinhos Disney por 68 anos ininterruptos até junho de 2018.

^v CIVITA, Victor. **Documentário Victor Civita e a editora Abril: paixão por fazer: centenário Victor Civita (1907 - 2007)**. São Paulo: Grupo Abril, 2007. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=WXP0hGjsBkc&ab_channel=DougPereira. Acesso em: 05 de jul. 2021.

^{vi} Ibidem.

^{vii} Ibidem.

^{viii} CIVITA, Victor. **Documentário Victor Civita e a editora Abril: paixão por fazer: centenário Victor Civita (1907 - 2007)**. São Paulo: Grupo Abril, 2007. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=WXP0hGjsBkc&ab_channel=DougPereira. Acesso em: 05 de jul. 2021.

^{ix} Até agora foram localizadas três edições dessa enciclopédia, variando entre 7 e 6 volumes dependendo da organização dos fascículos.

^xAs informações foram retiradas de uma propaganda que, além dessas informações, apresenta a coleção aos pais como tendo “respostas para muitas dos seus problemas” e sendo a “mais consultada da sua estante”. **Realidade**, v. 55. p.166.

^{xi} Carmen da Silva (1919-1985) foi uma escritora e jornalista gaúcha que ficou famosa no Brasil nos anos 60 ao escrever textos para o público feminino, especialmente na revista Claudia da Editora Abril.

^{xii} Esses temas são tratados em Nossas Crianças nas matérias “Lugar de mãe é em casa?”, “Mãe temperamental” e “Família só com mãe”.

Referências

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. Estudos Históricos, n. 21, 1998.

CIVITA, Roberto. Editorial. *In*: Veja, São Paulo, ago. 1990.

CIVITA, Victor. Documentário Victor Civita e a editora Abril: paixão por fazer: centenário Victor Civita (1907 - 2007). São Paulo: Grupo Abril, 2007. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=WXP0hGjsBkc&ab_channel=DougPereira. Acesso em: 05 de jul. 2021.

ENCICLOPÉDIA CONHECER VERDE. São Paulo: Abril, 1969-1969. 15 v.

ENCICLOPÉDIA DA MULHER. São Paulo: Abril, 1973-1973. 7 v.

FREITAS, Marcos Cezar de; BICCAS, Maurilane de Souza. História social da educação no Brasil (1926-1996). São Paulo: Cortez, 2009.

FOUCAULT, Michel (1983) A Escrita de Si. In. Foucault, Michel: Ditos e Escritos V.

Trad.: Elisa Monteiro e Inês D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 144-162.

FUNDAÇÃO VICTOR CIVITA. A Fundação Victor Civita. São Paulo:FVC, [2- -] Disponível em: .<https://fvc.org.br/nossa-historia/>. Acesso em: 05 de julho. 2024.

LAHUERTA, Milton. Os intelectuais e os anos 20: moderno, modernista, modernização. In: LORENZO, Helena Carvalho; COSTA, Wilma Peres da (Org.). A Década de 1920 e as origens do Brasil moderno. São Paulo: Editora da Unesp/FAPESP, 1997. p .93-114.

LEVI, Giovani. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (Org.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Org.). História da imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2008.

NOSSAS CRIANÇAS. São Paulo: Abril, 1972-1972. 7 v.

PEREIRA, Mateus H. F. A trajetória da Abril Cultural (1968-1982). Em Questão, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 239-258, jul./dez. 2005.

REVISTA REALIDADE. São Paulo: Abril, 1966-1976.

REVISTA VEJA. São Paulo: Abril, ano 34, n. 23, ago. 1990.

VENÂNCIO, Gisele Martins. Cartas de Lobato a Vianna: uma memória epistolar silenciada pela história. In: GOMES, Angela de Castro (Org). Escrita de si, escrita da história. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

Contribuição de Autoria:

Bianca Nascimento de Freitas: delimitação do tema, levantamento bibliográfico, coleta e análise de dados

Manuelle Araújo da Silva: revisão do objeto, reflexões teórico-metodológicas e análise das fontes históricas perscrutadas.